EL REI

E O

DUQUE DE SALDANHA,

OU

EXPOSIÇÃO D'ALGUNS FACTOS MAIS NOTAVEIS
DA REVOLTA DO DUQUE DE SALDANHA.

EL REI

E O

DUQUE DE SALDANHA,

OU

EXPOSIÇÃO D'ALGUNS FACTOS MAIS NOTAVEIS
DA REVOLTA DO DUQUE DE SALDANHA,

PARA SERVIREM D'AUXILIO

Á HISTORIA CONTEMPORANEA.

POR UM CONIMBRICENSE.

COIMBRA,
NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1851.

ELREI E O DUQUE DE SALDANHA

OU

Exposição d'alguns factos mais notaveis da revolta do Duque de Saldanha, para servirem d'auxilio á historia contemporanea.

VAmos escrever a historia de um facto notavel, a revolta do Marechal Saldanha, facto que ha de transmittir-se á posteridade, e que não é obscuro, nem problematico. O aspecto bonançoso, que esta revolta tomou, se não é devido á convicção de todos pela santidade e justiça desta Causa, é um milagre. Sirva ella d'instrucção aos Povos, e de lição aos Reis.

O Conde de Thomar, seguindo um systema de depravação, tinha feito com que grande parte dos homens honestos abandonassem a carreira publica. Elle viu-se assim forçado a lançar mão para auctoridades locaes de todos os homens depravados, que pôde basculhar pelo paiz. Um sicario de d. miguel, que nem entre os partidarios deste principe achava sequito, um homem reprobo, um parazita, ou um inepto eram as pessoas de que elle se servia para os empregos, salvas algumas piquenas excepções. Uns infundiam terror pelos seus assassinatos, outros pelas tricas e intriga que manejavam, outros pela perseguição injusta que desenvolviam contra os Cidadãos pacificos, que

d'algum modo se quizessem oppôr ás suas prevaricações. Não havia escrupulo algum em prender um cidadão sem culpa formada, porque a prisão lá era justificada por um motivo de policia preventiva, que o Codigo Administrativo auctoriza. Havia um recrutamento, lá se prendia triplicado numero de mancebos, grande parte dos quaes não estavam no caso da lei; então apparecia o thesouro. D'uma parte as peitas, da outra o compromettimento d'um voto nas eleições, os peditorios dos grandes e as lagrimas dos pequenos tudo se punha em movimento. Tractava-se da eleição d'uma Camara Municipal, d'um Juiz Ordinario, o Administrador, que por qualquer daquelles systemas agrilhoava os votantes, fazia a lista e no dia seguinte os mandava chamar escoltados para deitarem na urna o voto do Administrador. O Juiz Ordinario assim eleito fraternisava com o Administrador nas peitas, concussões e abusos do poder: ao orpham se lhe nomeava um tutor illegal para concorrer com os fundos deste em favor do Juiz, se o tutor legal se oppunha, pedia-se-lhe peita! A administração das Camaras Municipaes, Juntas de Parochia e Confrarias tinham todos estes vicios. Os expostos morrem aos centenares nas rodas, a sua administração é quazi abandonada, e a pezar d'isto os tributos locaes são vexatorios e injustos. Os parochos, salvas honrosas excepções, são pessimos. Debaixo deste aspecto, que significa uma eleição de Deputados? Estes pelo seu estado de desmoralisação, ou são representantes de si mesmo e das auctoridades que os escolheram, ou do ministro d'Estado que lhe mandou escrever seu nome na lista, para entrar e saír da urna. Que significam as leis destes representantes? A falta de conhecimentos de alguns, o nenhum interesse de serem uteis a seus constituintes, sentimentos de medo ou gratidão para com o ministro que os fez eleger, fazem com que as leis tenham sido a expressão da vontade do ministro e não o resultado das necessidades publicas. Tudo isto era á muito sabido pela grande maioria do povo portuguez, os militares

porém o foram conhecendo pouco e pouco, e os gemidos dos opprimidos chegaram a convencel-os de que o governo do Conde de Thomar não devia mais existir. A sua convicção porém se não era suffocada pelo sentimento d'obediencia militar, punha-os n'um continuo embaraço.

Nunca o paiz esteve tão propicio a acceitar uma revolução como no tempo em que o Conde de Thomar foi ministro. O systema ominoso do seu governo tem sido uma eschola fecunda de desmoralisação, os seus actos uma infracção permanente da Constituição e das leis, o resultado d'uma peita, d'uma combinação de *Club.* Em fim, miseria, pobreza e desmoralisação dentro do paiz, opprobrio e vergonha lá fóra — é o que representava a nossa malfadada patria, em quanto este ministro dirigiu os negocios publicos.

Á muito tempo se fallava n'uma revolução militar contra este ministro, revolução, que devia ser dirigida pelo Duque de Saldanha. Os máos resultados d'outras revoluções, o turpor e cançaço em que se achavam os povos, a convicção de que a desmoralisação do governo estava em systema, e seus agentes *clubisados* na capital, a pouca esperança de melhora, e finalmente a recordação de que o Duque de Saldanha tinha tomado conta dos acontecimentos de 6 d'Outubro de 1846 aplanando indirectamente o caminho para o regresso deste valido ao paiz, fizeram com que quasi todos os homens, que tinham combatido aquelle golpe d'estado recebessem a principio com frieza esta noticia. Outros porém mais penetrados das boas qualidades do Duque e do beneficio da quéda do Conde de Thomar receberam aquella noticia com bastante satisfacção, e até como unica salvação publica.

Tendo o Duque de Saldanha recebido o convite de varios militares para por meio d'uma demonstração militar derribar o Conde de Thomar como se vê do Doc. n.º 1, e contando com o cumprimento da palavra d'estes seus camaradas amigos e devedores de valiosos favores combinou, que o dia da insurreição fosse o dia 7 d'Abril,

devendo o Regimento n.° 4 de Cavalleria ficar logo em Santarem e marcharem para este ponto, como centro de operações, os Batalhões de Caçadores n.os 1 e 5, o Regimento 7 d'Infanteria, e os mais corpos que da guarnição de Lisboa, e dos mais pontos do reino para alli podessem marchar. D'isto tambem nos convencem os Doc. n.os 3 e 4, nas palavras = *desconcertado seus planos.* = Com effeito no dia 7 se pronunciou o Batalhão de Caçadores n.° 1, estacionado em Setubal, e o Duque n'esta noite marchou em direcção a Cintra mandando um de seus ajudantes dar ao alferes José de Lemos commandante d'um destacamento do 7 d'Infanteria, que alli se achava, ordem para reunir ao seu Regimento e com este seguir a causa do Duque. Este alferes negou-se ao cumprimento d'esta ordem uma vez que ella não fosse emanada do seu Commandante. É fóra de duvida, que o alferes cumpriu um dever militar; porém a côrte, que reputava a causa do Duque um termo provavel de seus desvarios, premeia o alferes com um posto d'accesso, que só deve conferir-se no campo da batalha por um feito d'armas, em que o agraciado tenha arriscado a sua vida em proveito da causa que defende!! Assim se prostituem os premios.

Que se dará a um alferes, que em proveito da patria tenha com o seu pelotão occupado uma posição debaixo de fogo? O decreto d'este feito d'armas do Senhor José de Lemos ahi vai transcripto no Doc. n.° 2, a sua leitura torna-se recomendavel.

De Cintra seguiu o Duque a estrada da Ericeira mandando outro ajudante a Mafra afim de fazer que o regimento 7 de Infanteria seguisse o movimento, e não sendo o resultado d'esta missão bem succedida seguiu o Duque a estrada das Caldas vindo a Alcobaça onde o Senhor Santa Rita o foi encontrar dando-lhe parte de que Caçadores n.° 5 ainda se não havia pronunciado.

O Coronel do 7 d'Infanteria poz-se logo em marcha com o regimento para Lisboa, e o Coronel do 4 de Caval-

leria fez o mesmo com o seu regimento descendo para Villa Nova da Rainha no dia 10 onde se foi encontrar com a Divisão d'el-Rei.

Pelas briosas acções que estes Coroneis practicaram, mereceram ser agraciados com o titulo de Commendadores da muito antiga e nobre Ordem da Torre-Espada do *Valor Lealdade e Merito.* Presidiu a estas graças a mesma justiça, as mesmas regras de conveniencia, a mesma politica que presidiu á distincção do alferes José de Lemos. Ahi ficam nos Documentos n.os 3. e 4. estampados os nomes dos Senhores Jeronymo da Silva Maldonado d'Eça, e Luiz Antonio d'Oliveira Miranda.

Então o Duque correu logo a pedir ao seu amigo Grim Cabreira o cumprimento da sua palavra, a adhesão á sua causa, o que este coronel verificou no dia 9 com o Batalhão 5 de Caçadores, que ainda então não tinha reunido o destacamento d'Abrantes.

Como pela demora do pronunciamento do 5 de Caçadores, pela marcha rapida das tropas de Lisboa não fosse possivel já occupar o ponto de Santarem, e fazer ahi a reunião de Caçadores n.° 1 e os mais corpos de Lisboa e Divisões militares cujos commandantes se tinham compromettido a seguir a causa do Duque, viu este a sua causa quasi perdida, e malograda a revolução.

O espirito do exercito era conhecido, e o unico modo de neutralisar a influencia do Duque era pôr el-Rei á frente do exercito, e fazel-o acompanhar as tropas que se embarcaram em Lisboa, a 1.ª Brigada composta de n.° 1 e 16 de Infanteria e 2 de Caçadores, commandada pelo Coronel Marcely, no dia 10, e a 2.ª composta de Granadeiros da Rainha, 10 d'Infanteria e um parque d'artilheria, commandada pelo Marcehal de Campo Barão de Mesquita, no dia 11. Tinham tambem marchado para Villa Nova Lanceiros n.° 2 para reunir a esta Divisão que seguiu d'aqui para o Cartaxo, força que orçava por 2000 homens e 150 cavallos, debaixo do commando em Chefe d'el Rei.

Quando a Divisão chegou ao Cartaxo fizeram a maioria dos officiaes um pacto entre si de que logo que chegassem a Santarem iriam entregar as suas espadas a el-Rei. As más noticias que aqui receberam do estado medonho, em que se achava a causa do Duque, considerações palacianas d'uns, o respeito e medo d'outros, fez com que aquella primeira idea, fosse então só seguida pela minoria dos officiaes, que assim viam frustrar o seu nobre intento.

Feito o pronunciamento do 5 de Caçadores em Leiria, viu-se o Duque forçado a abandonar Caçadores n.º 1, que de Setubal tinha seguido para Atalaia, ficando assim entre elle, e o Duque, um rio caudaloso, e o inimigo, com força superior em pequena distancia.

A noticia da revolta do Duque começou a transpirar em Coimbra na noite de 10 d'Abril, e a anciedade publica começou a manifestar-se. Ninguem sabia o caracter politico da revolta, cada um formava sua versão comforme o partido a que pertencia.

Neste mesmo dia chegou a Coimbra o coronel Henrique de Mello Alvellos, Chefe d'Estado maior da Divisão militar de Viseu. A reserva que este impostor guardava com as pessoas que lhe fallavam e algumas palavras que aqui e alli de sua conversa deixava escapar, davam a conhecer de que elle viera a esta Cidade indagar o gráu de probabilidade da victoria do Duque, para conforme ella se lhe unir ou obedecer a el-Rei. D'isto nos convence o seguinte facto, e é — que saindo de Viseu este militar trazendo na sua retaguarda um Batalhão do Regimento n.º 14 o mandara fazer alto proximo a marchar para Mort'-agua. Já no dia 10 elle sabia da marcha do 5 de Caçadores sobre Coimbra; porém ignorando se a capital se pornunciára, quaes os corpos da adherencia, indeciso assim — pelas noticias de Lisboa que recebeu no dia 12 resolveu precipitadamente na tarde deste dia retirar sobre a estrada de Viseu com toda a guarnição da cidade composta de 240 bayonetas e 30 cavallos, levando em sua compa-

nhia o Secretario Geral servindo de Governador Civil do Districto, Bernardo Antonio da Silva Andrade, com alguns dinheiros publicos.

O Duque chega com a sua força a Condeixa n'este mesmo dia, e é esperado a todos os momentos em Coimbra. O prestigio de seus serviços pela liberdade, a sua habilidade militar, os seus dons pessoaes, attraem no dia 13, pela tarde, quasi todos os habitantes da cidade e a academia á ponte. Parecia haver naquelle dia uma romaria. O Duque entra ao escurecer accompanhado de seus ajudantes, trazendo em distancia a escolta de Cavalleria, e d'ahi a uma hora entrou o Batalhão n.° 5.

Apenas quatro ou cinco academicos o foram esperar a cavallo fóra da cidade. O Duque entrava em Coimbra com a incerteza da victoria, já não era preciso aos homens que tinha salvado em 1847; os cavalheiros que mais o podiam obsequiar ignoravam o seu programma politico, e só conheciam um movimento que parecia filho de odio pessoal, que o Duque tinha ao Conde de Thomar; foi por isto que o Duque não teve uma numerosa comitiva de cavalheiros, que o fossem esperar fóra da cidade. Para uns o receio da sorte, para outros o passado, e para todos o futuro influia no presente. O Duque transitou por toda a parte no meio do maior silencio dos espectadores que o viam, apezar de tudo com affeição e com bastante dôr pelo resultado improvavel de triumpho, que offerecia a sua causa.

Na hospedaria do Lopes estabeleceu o Duque o seu Quartel General, ficando no largo do Caes para onde esta casa faz frente um grande concurso de povo, que esperava saber o progamma desta revolta, e que ainda neste dia ignorou.

Mais de duzentos cavalheiros de todas as classes foram visitar o Duque, e á maior parte delles disse elle, que o seu programma era deitar abaixo o Conde de Thomar, e garantir umas eleições livres, que exprimissem o voto da Nação. Com este programma ficaram satisfeitos

os homens sensatos; mas no dia seguinte o Duque publicou a Carta (Doc. 1.º), que contentou ainda mais outros. Desde então muita gente tratou de fraternizar com a causa do Duque, e lhe começou a prestar valiosos e relevantes serviços.

O Duque marcha de Coimbra com todas as suas forças na direcção de Viseu no dia 14 d'Abril, no dia 15 retiram o Regimento n.º 14, e parte do 9 sobre Lamego, e o Duque avança para S. Pedro do Sul. Com esta marcha teve o Duque por fim adiantar-se para vêr se avistava o Regimento n.º 14 e mais forças, e ao mesmo tempo embaraçar a estrada do Porto, e a marcha desta força inimiga para esta cidade.

O Duque tinha mandado dois de seus ajudantes a Viseu a vêr se esta força lhe adheria, e parece indubitavel, que na noite de 14 para 15 estivera começada a revolta na soldadesca do 14, a qual o Commandante pôde suffocar, tendo promettido aos soldados o seu pret.

De S. Pedro do Sul seguiu o Duque para Castro Daire, e as forças inimigas ao destino já dito para reunirem ao Conde de Santa Maria, que para ahi se dirigia com outra força.

Em quanto o Duque fazia estas marchas tratava o Coronel Joaquim Bento de empregar todos os esforços para passar o Téjo, afim de fazer juncção com o Batalhão de Caçadores n.º 5, vindo a Atalaia, depois a Benavente, daqui a Coruche, e passando o Tejo em Abrantes, vindo pela frente da Divisão de el-Rei passar a Thomar, seguindo d'ahi a Ferreira do Zezere com o fim de tomar a estrada dos Cabaços a Coimbra. Este plano porém foi-lhe frustrado, porque o Coronel Marcelly veiu com lanceiros, e uma pouca de infanteria para o surprehender em Ferreira do Zezere, havendo aqui uma circumstaucia notavel, e é que chegando Marcelly e as suas forças a meia legua de distancia de Ferreira, mandou apear a cavalleria e acampar a infanteria, não se atrevendo a surprehender o seu inimigo!! Tal era a confiança, que lhe merecia a sua força.

O coronel Joaquim Bento avisado da aproximação desta força teve de subir ao Pedrogam, e ir passar a Serra para fazer a juncção com caçadores 5. Esta marcha attesta a pericia militar deste coronel,

No dia 19, não tendo o Duque obtido a adhesão dos corpos, que lhe passaram na sua frente, nem podido reunir caçadores n.° 1, entregou o commando da força ao coronel Grim Cabreira, e se dirigiu com os seus ajudantes ás visinhanças do Porto, afim de vêr se com a influencia de seus amigos podia obter a adhesão da guarnição desta cidade á sua causa; porém seus amigos cheios de terror nada poderam obter, e com mágoa o Duque depois da espera d'alguns dias teve de pôr-se em caminho de Galliza, indo d'acolá á Costa, e daqui á Senhora da Abbadia e passando a Galliza; e foi neste territorio onde no dia 27 elle recebeu a noticia da revolução do Porto, que foi começada pelos soldados a quem os officiaes foram depois commandar. Este pronunciamento teve logar na noite de 24 para 25 d'Abril.

O coronel Cabreira marchou com a força do 5 no dia 21 sobre Viseu, 22 sobre Tondella, e fazendo depois juncção com o n.° 1 de caçadores, e 35 cavallos de cavalleria n.° 5 marcharam sobre Gouvêa, sendo já seguidos de perto pelas forças do Conde de Santa Maria, que chegaram a estar a uma legua de distancia daquella!...

El-Rei marchou com a sua Divisão de Thomar onde foi friamente recebido, não sendo comprimentado pela Camara Municipal, nem tão pouco pelas auctoridades das terras intermediarias até esta cidade, onde chegou no dia 20 d'Abril, acompanhado pelo Duque da Terceira, Barão de Sarmento, Visconde de Campanhã, e seus Estados maiores.

Sua Magestade mostrava-se summamente cortez; porém o espirito público estava tão prevenido contra esta medida da côrte, que a marcha de sua Magestade e sua Divisão pela cidade, a não serem os foguetes, que os agen-

tes do Governo Civil lhe mandavam deitar adiante do cavallo, mais parecia um prestito lugubre do que a marcha triumphal d'uma personagem tão elevada á testa do seu exercito triste e melancholico. O céo estava enlutado com espessas nuvens, os espectadores exprimiam pelo seu silencio a desaprovação desta marcha d'el-Rei, que vinha comprometter o prestigio e a dignidade real por um homem, que tantos males tem causado ao Paiz, para castigar o grito d'um General, que ainda á pouco tinha achado o Diadema perdido, e o tinha posto na cabeça da Rainha! Nem um só academico aparceu em público: na ponte, onde sempre costumam apinhar-se os espectadores, estariam 200 pessoas de baixa condição, e pela maior parte mulheres de capote e lenço. Era quasi o *pé-fresco* que mais sympatisava com Sua Magestade, e que tanto lhe tem persuadido que é seu inimigo!!! Sua Magestade não foi aqui comprimentado por cavalheiro algum do Districto nem pelos grandes dos Districtos visinhos.

Apenas a divisão se aquartelou pela cidade logo a maioria dos officiaes e soldados patentearam a sua adhesão á causa do Duque de Saldanha, e todos concordavam em que se elle apparecesse em Coimbra, a pezar da presença d'el-Rei, tudo o seguia.

O partido da opposição em Coimbra é tão compacto que têm julgado desnecessario a formação de qualquer associação politica permanente. Aqui apenas ha um grupo pequeno que aspira as honras da representação e que pelo papão do seu *jornal* tem forçado certa auctoridade judicial a conceder-lhe valiosos favores. Tudo o mais quer trabalhar por sua conta e risco. Lembrou n'este dia a um patriota a factura da representação (Doc. n.° 5.), para se entregar a el-Rei. O fim era dar maior força moral á causa do Marechal Saldanha, e fazer para assim dizer uma revolta legal contra o ministro corrupto, e mesmo poder convencer el-Rei da justiça desta causa. — Tudo foi d'accordo e no dia 21 lhe foi appresentada a

representação pelos Snr.es José de Moraes, Rol en Pereira de Carvalho e Joaquim Martins de Carvalho; tinha 500 e tantas assignaturas. el-Rei não quiz recebel-a com o fundamento de que só era General em Chefe!!. Se lhe pedirem a responsabilidade d'este acto dirá que era rei, e como tal inviolavel!.

No dia 22 alguem lembrou a factura d'uma proclamação propria para entreter o espirito dos soldados (Doc. n.° 6.). A proclamação surtiu muito bom effeito; e até um alferes do regimento de Granadeiros foi levar ao Barão de Companhã uma, que o rei leu.

Por outro lado os academicos desenvolviam toda a actividade propria d'um genio puro e d'uma convicção firme, fazendo ver aos soldados o verdadeiro caminho, e tractando de persuadir muitos officiaes a que fizessem com seus regimentos uma manifestação no sentido do movimento do Duque. A presença d'el-Rei e uma certa bonhomia que elle para com a officialidade manifestava sobre maneira os embaraçava.

Assim se iam entretendo os animos até que no dia 24 houve tão pessimas noticias que não podiam contradizer-se em vista d'uns cinco sargentos e furrieis do 5 de caçadores que em Coimbra se appresentaram desertados do batalhão que davam em desordem pela ausencia do Marechal Saldanha á mais de seis dias. Então tudo se convenceu da perca da Causa do Duque, e os officiaes que até alli se não tinham pronunciado, por um egoismo fatal começaram a manifestar-se pelo conde de Thomar. Isto tornou então quasi impossivel a realisação d'um pronunciamento em favor do Duque, idêa que se tinha sugerido e que tratava de por-se em práctica.

Conservavam-se as cousas na espectativa até ao dia 25 de manhã em que se espalhou do Quartel General d'el-Rei, que o Ministerio tinha pedido a sua demissão no dia 23. Era visto a todas as luzes, que o Ministerio só cahia por força maior: indagal-a ou advinhal-a, eis a difficuldade. De tarde começaram a correr alguns rumores

de que o Porto tinha adherido ao movimento do Duque; e como havia certeza da primeira noticia, alguns academicos e gente da cidade fizeram uma manifestação indo ao Paço da Universidade dar vivas a Suas Magestades e ao Duque de Saldanha, fazendo ir ao ar grande quantidade de fogo artificial.

No dia 26 confirmaram-se as noticias do Porto, e então se poz em duvida a noticia da queda do Ministerio, até pela combinação de differentes peças officiaes do Diario do Governo; mas ninguem se atrevia a attribuir a certeza physica d'este facto, a falsidade da noticia, por se dizer era emanado d'el Rei; porque seria o mesmo que duvidar da palavra real. No dia 27 el-Rei deu a saber a agonia em que se achava, por ver ludibriada a sua palavra pelo Conde de Thomar que no Conselho d' Estado tinha revelado o segredo da carta particular que el-Rei lhe dirigira.

O conhecimento d'este escandalo e a noticia de que o Duque da Terceira fôra encarregado da organização do Ministerio revellou perfeitamente o intento da camarilha que era o de impôr ao Duque de Saldanha, um Ministerio qualquer, levar toda a divisão d' el Rei para Lisboa e reunida com a mais tropa guarnecerem Santarém e defenderem aquella Cidade.

Em vista d'isto começaram alguns Academicos influentes da opposição a tratarem com varios Officiaes de se fazer na Divisão d' el-Rei um pronunciamento em favor do Duque. Não havia para isto centro algum, cada um trabalhava por sua conta e risco. Em alguns corpos se tinha planizado o pronunciamento para o dia 27 quando se passas-se a revista; este plano porém abortou por que sómente se fez revista por companhias.

O receio d'uma marcha repentina no estado em que as cousas se achavam, levou alguns Officiaes na noite de 27 para 28 pela meia noite a retirarem para o Porto com setenta e tantos lançeiros e quasi vinte soldados de cavallo, retirando tambem uma companhia do 16 de In-

fanteria e muitos soldados dispersos, força que ao todo andava por 180 a 200 homens. Com esta força tinham sahido os tenentes de infanteria 16, Antonio Julio Pereira d'Eça Junior, e Barros, o alferes piccador e uns sargentos de Lanceiros.

N'esta mesma noite alguem tratou com um Official superior de se fazer uma proclamação aos soldados com o fim d'os despertar e fazer-lhe conhecer o engano da noticia da queda do Ministerio, e o fim que com isto a camarilha queria obter; imprimil-a e distribuida pelos soldados até ao meio dia, fazer-se uma reunião dos Officiaes de decedida confiança e n'ella tractar-se da hora, quando e como se devia fazer o pronunciamento.

Os acontecimentos d'esta noite frustaram todo este arranjo, porque sabendo-se que os Lanceiros e o Regimento de Granadeiros da Rainha estavam promptos deviam estes dous corpos apoiar o pronunciamento de todos os outros corpos da Divisão onde não havia unanimidade. A falta dos Lanceiros era sensivel.

Todavia a fuga da gente da noite tinha desconcertado de tal fórma a camarilha e el-Rei que elles não sabiam de si. A's seis horas deram ordem de marcha sobre Lisboa. N'este estado de coisas era mistér virar todos os cuidados para o pronunciamento da Brigada do Barão de Mesquita composta então dos regimentos N.° 1 e Granadeiros. Para este pronunciamento muito concorreram os capitães França, Moura Cabral; alferes Antonio Joaquim d'Oliveira e Antonio Maria Carrasco Guerra, e outros Officiaes de Granadeiros, o Ajudante de Brigada Almeida, que n'essa manhã correu a conferenciar com varios Officiaes, e bastantes Academicos e povo que foi encorajando as companhias, na occasião da sua reunião, ao pronunciamento. Os Granadeiros da Rainha desenvolveram um enthusiasmo nunca visto. — O regimento N. 1., não desenvolvia enthusiasmo.

Toda a Brigada formava no largo da horta de S. Cruz e se conservava em columna. O Barão de Mesquita

seu commandante querendo salvar as apparencias convocou um Conselho dos officiaes para decidirem o que deviam fazer, tendo acordado por unanimidade seguir o pronunciamento.

Eram dez horas e meia do dia chegaram a este largo, onde se achavam mais de 2:000 pessoas fóra os militares alguns individuos dando a noticia de que o resto do Regimento N.° 16 estava no alto de Santa Clara, parado não querendo marchar, e pedindo a alguns officiaes de Granadeiros da Rainha para exporem isto ao Brigadeiro e ir lá toda a Brigada para os trazer. Esta idêa foi discutida entre os Officiaes que accordaram em ír á boca da ponte, e formarem em linha para o norte pelo caes abaixo.

Debaixo d'este accordo tinha o Barão de Mesquita marchado á frente da Brigada, tomando á bôca da ponte o caminho do caes com o Regimento de Granadeiros. Appóz este regimento marchava o N.° 1 cujos porte-machados seguindo Granadeiros foram pranchados pela espada do Ajudante que os queria virar pela ponte dentro, sendo n'este intento seguido pelo Major. O povo tinha já posto trancas na ponte, e uma das companhias de Granadeiros chegou a pôr armas á cara para dar uma descarga sobre o Major e Ajudante se fossem para diante.

Não ha duvida que n'este facto havia uma traição do Ajudante e Major, traição unicamente filha das estreitas relações d'este Ajudante com o Coronel Marcelly, que ainda a poucos dias largou o commando d'este corpo e o deixou infeccionado com alguns Capitães fascinados pelas companhias e bayles dos Fronteiras a que elle os levava. São os unicos officiaes a um dos quaes ouvimos dizer que o Duque de Saldanha, não dava conta de nada!!...

Foi depois sabido que a demora do 16 em Santa Clara, era simulada, e que o Marcelly tinha a cavalleria dentro do páteo das Freiras, duas peças acestadas sobre a direcção da ponte, e caçadores n.° 2 embuscados junto ao forno da cal.

Depois que a Brigada do Barão de Mesquita se conservou algum tempo formada em linha pela esquerda e direita da ponte, começou a retirar o Marcelly com a sua Brigada tomando a estrada de Lisboa.

Foi então que o Major de n.° 1 declarou adherir de todo o coração ao movimento.

Quando el-Rei retirava pela couraça para a ponte uma grande multidão de povo se achava no largo da Portagem e caes, dando vivas ao Duque de Saldanha a que o rei correspondia tirando o seu chapeo. Todos os homens se compungiram da triste figura que el-Rei representou n'este drama; ninguem tambem desconhece a moderação com que el-Rei se houve e as auctoridades em tão difficeis conjuncturas em que felizmente não houve uma só desgraça. Ou a moderação fosse filha de fraqueza moral, ou de bonhomia, em todo o caso ninguem deixa de a confessar.

O Snr. Antonio José da Fonseca e Oliveira tinha exercido por graça do Conde de Thomar até ao dia 27, o cargo d'Administrador do Concelho de Coimbra tendo já então obtido a sua demissão.

A' muito que Santo Antonio da Arregaça não fazia milagres aos thomaristas; e desde que elles começaram a ver turvar-se os ares e scintillar relampagos foram ao hospital de S. Jeronymo fazer oração a Santa Barbara: era esta santa a unica que podia servir de consolação aos afflictos, e com effeito ella lhes assiste.

No dia 28 retirando-se el-Rei, retirou-se tambem da cidade o Secretario Geral Bernardo Antonio da Silva Andrade, e tendo o Administrador do Concelho pedido na vespera a sua demissão esta lhe foi dada; assim ficámos sem auctoridádes.

A gente do *Observador*, que não contentes dos favores que obtem do Judicial quer tambem os do Administrativo foi ter com o Snr. Bernardo Antonio da Silva Andrade para vir tomar conta do Governo Civil promettendo-lhe a sua protecção. Isto é visivel do numero do

Observador de 29 de Abril quando diz que — o Snr. secretario Andrade reassumíra o governo querendo fraternizar com a revolução!.. A opinião publica depressa se manifestou contra o acto de subserviencia d'esta camarilha, que queria ter um servo na sua fileira e nada mais, e o Sñr. Andrade conheceu a falsa posição que ía buscar e retirou-se em 30 de Abril depositando a auctoridade de Governador Civil nas mãos do Snr. Dr. Migueis que entregou então o Diploma da nomeação d'Aministrador do Concelho ao Snr. Santa Barbara, que se acha funccionando.

No dia 1 de Maio assumiu a auctoridade de Governador Civil d'este districto o Snr. Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes. O thema das suas idêas ahi vai na proclamação que este senhor fez ao districto (Doc. n.º 7.) pede-nos que estejamos soccgados e é digno que se lhe obedeça pela confiança que justamente nos merece.

O Duque na sua allucução á briosa guarnição da invicta cidade do Porto deu vivas á Carta reformada; sabemos, que um de seus fins é tambem purificar a Camara alta. Sua Exc.ª nesta parte segue a opinião sensata do Paiz; mas proguntaremos agora: No estado de corrupção em que se acha a Nação, no estado de effervescencia dos espiritos, e quando mais se agitam as paixões, convirá a eleição d'umas Côrtes constituintes, ou deve S. Exc.ª assumir a Dictadura por algum tempo, organizar e moralizar a nação e convocal-as depois? Os pertendentes aos empregos vão affluindo de toda a parte, as regras de justiça estão em desuso, os povos tarde conhecem o effeito do bom governo, as eleições não podem agora ser o resultado senão de pertenções mesquinhas, porque falta a moralisação nos povos eleitores. Uma dictadura poderá causar ciumes: como pois conciliar estes inconvenientes? O meio é fazer já a lei de habilitações, deste modo se cortam as pertenções de muita gente inepta, e se podem escolher melhores empregados, dando-se assim um exemplo de moralidade aos povos.

Os Concelhos acham-se infeccionados pela influencia

das tribunecas da gente natural delles. Está demonstrado e conhecido, que a administração da gente natural da propria terra tem causado aos povos grandes males, que os Concelhos em geral são demasiado pequenos para sustentarem uma administração dispendiosa, e que o unico remedio será uma boa divisão de territorio, em que se estenda a área dos Concelhos. Desta fórma aliviam-se os povos das despesas e tributos locaes que sofrem, e se desafrontam da influencia perniciosa destes mandarins. Em quanto disto se tractar deve confeccionar-se uma boa lei d'eleições, que previna bem as cabalas, e que tambem estabeleça como senso a instrucção. Só depois disto poderá o Paiz fazer uma boa eleição de Deputados.

Rematamos aqui a historia dos acontecimentos de que temos noticia: nesta narração não nos moveram odios pessoaes nem intrigas de camarilha a que sempre fomos alheios; — o nosso fim foi outro, bem diverso, mais nobre; — entregar os factos á posteridade que os julgará. O que escrevemos é apenas um resumo do que se passou entre nós, e não uma historia completa da gloriosa revolução de 7 d'Abril, que essa no sentir de muita gente não está por ora consumada, posto que todos entendam que o nobre Duque de Saldanha alcançou a victoria. A sua popularidade no exercito, o seu nome perante os soldados collocam-no no logar de Napoleão Portuguez. Saiba elle conservar a situação que adquiriu, e tornal-a em proveito da patria, que a sua gloria será eterna.!

Coimbra 2 de Maio de **1851.**

das influencias da gente natural delles, está demonstrado e conhecido, que a administração da gente natural da propria terra tem causado aos povos grandes males, que os Concelhos em geral são demasiado pequenos para sustentarem uma administração dispendiosa, e que o unico remedio será uma boa divisão de territorio, em que se estenda a área dos Concelhos. Desta fórma alliviam-se os povos das despesas e tributos locaes que soffrem, e se desafrontam da influencia perniciosa destes mandarins. Em quanto disto se tracta deve confeccionar-se uma boa lei d'eleições, que previna bem as cabalas, e que tambem estabeleça como censo a instrucção. Só depois disto poderá o Paiz fazer uma boa eleição de Deputados.

Rematamos aqui a historia dos acontecimentos de que temos noticia: nesta narração não nos moveram odios pessoaes nem intrigas de camarilha a que sempre fomos alheios; — o nosso fim foi outro, bem diverso, mais nobre; — entregar os factos á posteridade que os julgará. O que escrevemos é apenas um resumo do que se passou entre nós, e não uma historia completa da gloriosa revolução de 7 d'Abril, que essa no sentir de muita gente não está por ora consummada, posto que todos entendam que o nobre Duque de Saldanha alcançou a victoria. A sua popularidade no exercito, o seu nome perante os soldados collocam-no no logar do Napoleão Portuguez. Saiba elle conservar a situação que adquiriu, e tornal-a em proveito da patria, que a sua gloria será eterna!

Coimbra 3 de Maio de 1851.

Documento 1.

Cópia. — Illistrissimo e Exm.º Snr. — Uma sublevação geral ha muito se acha preparada em todo o Reino contra as prevaricações, roubos e continuas infracções da Constituição, commettidas pelo Conde de Thomar. Por mais de uma vez lhe tenho podido obstar, fazendo ver a possibilidade da sahida do Ministerio d'aquelle homem fatal pelos meios legaes. O procedimento das maiorias em ambas as Camaras levou o desengano a todas as convicções. O unico meio que me restava para evitar uma tal sublevação era o acceitar o convite de muitos dos nossos companheiros d'armas, que horrorizados com o futuro que nos prepára a presença do Conde de Thomar no Ministerio, instavam para que me pozesse á sua frente, e por uma demonstração militar obtermos o fim que a Nação quer, necessita, e obterá infallivelmente. Até este momento todos os chefes populares se conservam tranquillos, mas póde V. Exc.ª ter a certeza, de que no mesmo instante em que se convenção de que a demonstração militar de que resolvi pôr-me á frente, não é bastante para derribar o concussionario, que opprime a Nação o movimento se manifestará em todas as provincias, e qual é a perspicacia humana que póde desde já marcar-lhe os limites? Affirmam-me neste momento ter V. Exc.ª sahido de Lisboa á frente de alguma tropa para sustentar o ministro concussionario, o homem que reune em si toda a prevaricação, e todo o odio Nacional. Tenho a doce convicção de que nem um só dos militares, que acompanham a V. Exc.ª deixa de partilhar as minhas idêas, e os meus desejos de livrar a Nação do jugo, que a opprime. Senhor Duque da Terceira, se V. Exc.ª se esquece de que ha depois de nós um tribunal inexoravel, a historia, e de que as paginas gloriosas, a que V. Exc.ª alli tem incontestavel direito, serão completamente neutralizadas pelas que competirem ao Cam-

peão do homem corrupto, do concussionario infame, do prevaricador reconhecido, lembre-se ao menos V. Exc.ª de que pela sua conducta põe em perigo eminente não só o Throno de Sua Majestade, A RAINHA, mas faz tambem correr os maiores riscos á sua Dynastia. Se V. Exc.ª prosegue, a mim a honra de ter feito, durante quatorze mezes, tudo o que humanamente era possivel para evitar os males de uma revolução, a V. Exc.ª a desgraça de a haver tornado necessaria, indispensavel. Lembremo-nos, de que se no Céo ha a justiça de Deos, tambem as leis da moral não prescrevem na terra. A insurreição não será uma lucta de partidos, os interesses destes serão estranhos a ella, o seu fim será mais grave, será provar á Europa, que a Nação Portugueza não consente, que um systema de corrupção, de concussões e e inconstitucionalidades se eleve á altura de meio de governo, de doutrina politica. O movimento deve representar pura e simplesmente a resistencia da Nação, a morte moral, que lhe preparam depois de dilatada agonia. O paiz no meio da indifferença com que o governo tem olhado para as suas necessidades materiaes mais urgentes, e no grito d'angustia, que solta neste momento, limita-se a pedir justiça e moralidade. Sñr. Duque, de V. Exc.ª depende o evitar os males que nos ameaçam: salve V. Exc.ª o paiz dos horrores que V. Exc.ª lhe prepara, fazendo com que Sua Majestade a RAINHA, demita immediatamente esse homem fatal a tantos respeitos, e chame ao ministerio pessoas que mereçam a confiança Nacional. Nunca sobre V. Exc.ª pezou tão grave responsabilidade como neste momento. — Deos guarde a V. Exc.ª — Leiria 11 d'Abril de 1851. — Illm.º e Exm.º Sñr. Duque da Terceira. — Assignado — *Duque de Saldanha.* — Está confórme.

Documento 2.

SEndo-me presente que o Alferes do Regimento de Infanteria N.º 7 José de Lemos, que se achava commandando o destacamento estacionado no Meu Real Palacio de Cintra, recebendo intimação do Marechal do Exercito Duque de Saldanha, para que largasse o seu posto e se reunisse ao respectivo corpo com a força do seu commando, recusára obedecer áquella intimação, não só por conhecer a illegalidade de tal ordem, pois que o referido Marechal se não achava revestido de auctoridade, como por vêr, pela sua declaração de que ía marchar com o mencionado Regimento, o sinistro fim para que era dada, pedindo immediatamente instrucções ao seu Commandante, e mostrando o indicado official neste procedimento lealdade por se não prestar a concorrer para um movimento revolucionario; profundo respeito ás Leis Militares, não abandonando o seu posto; coragem por não temer o comprometimento que lhe poderia resultar de não obedecer a uma tão alta cathegoria militar, e finalmente patriotismo, porque prevenio o seu Commandante do que se projectava, fazendo assim um importantissimo serviço, que desconcertou na sua origem os planos do Chefe revoltoso: por todos estes motivos Querendo Dar um publico testemunho do apreço em que tenho este nobre e louvavel procedimento, de que resultou tão alta vantagem para o bem público, e que se não póde considerar menos valioso serviço do que um feito distincto no campo da Batalha: Hei por bem, conformando-me com a proposta de ElRei D. Fernando Meu Muito Amado e Prezado Esposo Marechal General, Commandante em Chefe do Exercito, Promover o referido Alferes ao posto de Tenente. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, assim o tenha entendido e faça executar. — Paço das Necessidades em treze de Abril de mil oitocentos e cincoenta e um. — RAINHA. = *Adriano Mauricio Guilherme Ferreira.*

(Diario do Governo de 14 de Abril de 1851.)

Documento 3.

ANnuindo á proposta do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, e Conformando-me com a de Sua Majestade ElRei, Meu Muito Amado e Presado Esposo, Commandante em Chefe do Exercito, e Querendo dar ao Coronel do Regimento de Cavallaria N.° 4, Jeronymo da Silva Maldonado d'Eça, um público testemunho do apreço em que tenho as provas de lealdade e patriotismo que acaba de apresentar, repellindo com indignação o convite que lhe foi feito pelo Marechal do Exercito Duque de Saldanha, para entrar com o corpo do seu commando na injustificavel revolta, á frente da qual para atacar as prerogativas da Corôa, se acha o mesmo Marechal; mantendo assim aquelle official, não só a firmeza do seu caracter militar, mas a disciplina da força que fôra confiada ao seu Commando, dando deste modo uma severa lição ao referido Marechal, e desconcertando os seus planos: Hei por bem Nomear ao mencionado Coronel, commendador da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre-Espada do Valor Lealdade e Merito. O Pesidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, assim o tenha entendido e faça executar. — Paço das Necessidades em 13 d'Abril de 1851. — RAINHA. — *Conde de Thomar.*

Documento 4.

ANnuindo á proposta do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, e Conformando-me com a de sua Magestade ElRei Meu Muito Amado e Prezado Esposo Commandante em Chefe do Exercito: e Querendo dar ao Coronel do Regimento de Infantaria N.° 7. Luiz Antonio de Oliveira Miranda, um público testimunho do apreço em que Tenho as provas de lealdade e patriotismo que acaba de apresentar repellindo com

indignação o convite que lhe foi feito pelo Marechal do Exercito Duque de Saldanha para entrar com o Corpo do seu Commando na injustificavel revolta á frente da qual, para atacar as prerogativas da Corôa, se acha o mesmo Marechal mantendo assim aquelle official não só a firmeza do seu Caracter militar, mas a disciplina da força que fora confiada ao seu commando dando deste modo uma severa lição ao referido Marechal e desconcertando os seus planos: Hei por bem Agraciar o mencionado Coronel nomeando-o Commendador da Antiga e Muito Nobre Ordem de Torre Espada do valor Lealdade e Merito. O Presidente do Concelho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos negocios do Reino, assim o tenha entendido e faça executar, = Paço das Necessidades em treze de Abril de mil oitocentos cincoenta e um. = RAINHA = *Conde de Thomar.*

Documento 5.

REPRESENTAÇÃO DOS HABITANTES DE COIMBRA.

« SEnhor! É não só uma garantia constitucional, mas uma franquia coeva com a fundação da nacionalidade portugueza, a prerogativa, de que os povos sempre com proveito usaram, de representar e requerer ao seu legitimo soberano.

« Um bom rei tiveram os nossos passados a dita de possuir, que se julgou aggravado com seus conselheiros em o não dissuadirem das immensas liberalidades, que fez.

« E não só este, como outros, que talvez a isso devam o occupar brilhantes paginas da nossa historia, tomaram por contínuo encargo do governo o percorrerem a miudo pelo reino a fim de ouvir as queixas, e prover ás necessidades dos seus povos.

« Eis-ahi, senhor, a razão do procedimento e das justas esperanças, que animam os abaixo assignados,

« Senhor! Ha quasi doze annos, começou a assistir aos conselhos de sua Majestade, a RAINHA a Senho-

D. Maria Segunda, um homem, cujo nome odioso tem sido como um pomo de discordia, lançado sobre o mal fadado Portugal: sem fazer cargo das anteriores para o elevar ou abater, tem havido desde então nada menos, que sete revoluções militares, e populares.

« Muito caro está este homem a Portugal! Mas não vem para aqui a serie dos males, que elle nos tem causado.

« Senhor! É certo, é certissimo que todo o paiz sobremaneira detesta o Conde de Thomar; e, ainda que este homem fatal fôra innocente, cumprira condescender com a vontade nacional: porque os prejuizos dos povos acatam-se, quanto mais as suas mais sinceras con vincções!

« Os abaixo assignados, pois, Senhor nesta parte sem duvida interpretes da vontade de toda a nação, tomam a liberdade de pôr nas mãos de vossa magestade os seus votos, para que se digne interceder para com sua Magestade a RAINHA a fim de demittir dos seus conselhos aquelle ministro, por virtude da Real prerogativa, que a Lei fundamental depositou em suas regias mãos, que os abaixo assignados submissamente respeitam.

« Só assim, Senhor, a presente guerra civil terá um termo; só assim se evitarão novas commoções de futuro.

« Coimbra 19 d'Abril de 1851. »

Resposta do Senhor D. Fernando.

« Eu aqui não sou mais que o Commandante em Chefe do Exercito; e por isso não aceito a representação. Reconheço o direito de petição; e por tanto podem dirigir-se a sua Magestade a RAINHA. Sinto como os Senhores, esta pequena occorrencia (referia-se á guerra civil actual); mas não sou competente para acceitar a representação; por que aqui sou sómente commandante em chefe do exercito, e nada mais.

Documento 6.

SOLDADOS! — Um ministro concussionario, um homem corructo preside aos concelhos dos nossos reis; e faltando a todos os deveres que lhe impõe o seu cargo faz convergir em utilidade propria os actos de seu ministerio. Fallamos do Conde de Tomar, d'esse *ladrão*, d'esse homem corrupto, que tantas victimas tem causado ao nosso paiz, d'esse homem, que, banido pelas nações alliadas do cargo de ministro d'Estado, ahi occupa este eminente cargo!! Que utilidade prestará ao paiz este homem nefando?! Não vedes vós os soldados sem pret, os officiaes sem soldo, os empregados civis sem pagamento, e o paiz carregado de tributos?! Não vedes o valente DUQUE de SALDANHA, o Heróe d'Almoster, o Vencedor de cem combates, este General conspicuo, que tantas vezes vos tem conduzido á victoria, chamar em seu auxilio o exercito portuguez, para derribar este concussionario? Não vedes os Regimentos 8 e 13 d'infanteria seguir a bandeira do vosso General Saldanha? não vedes que as fileiras d'este se tem engrossado com uma desersão completa dos Regimentos, por meio dos quaes elle tem passado? Em fim, Soldados, a animadversão d'este ministro é geral. Abaixo o concussionario, abaixo o tyrano; seja este o vosso grito: segui o exemplo dos vossos companheiros d'armas; uni os vossos votos aos do vosso anjo da Victoria o Duque de Saldanha; e a Patria será salva.

Documento 7.

HABITANTES DO DISTRICTO DE COIMBRA!

UM Ministro accusado de concussões, desprezado por uma Nação inteira, presidia aos Conselhos do Estado: com elle, Portugal caminhava a passos largos para um abysmo de miserias e torpezas: com elle, o systema de governo era o da desmoralização.

Portugal não podia soffrer por muito tempo uma tal ordem de coisas, sem abdicar da dignidade de Nação, sem que os Portuguezes abdicassem da dignidade d'homens. Era forçoso saír desta situação; era forçoso lançar por terra todo esse systema: para isso olhou-se para um homem, que por mais d'uma vez tinha sido o sustentaculo das liberdades patrias; e esse homem, esse heróe appareceu á testa d'uma revolução.

É esse heróe, o nobre Duque de Saldanha, que arroja no charco do ridiculo esse Ministro corrupto, que s'impunha ao paiz como homem neccessario.

É esse heróe, o nobre Duque de Saldanha, que empunhando a sua valente espada, á testa da briosa maioria do Exercito, salva a Patria da deshonra.

Habitantes do Districto de Coimbra, encarregado pelo nobre Duque de administrar o vosso Districto, espero me coadjuveis nessa honrosa missão, para que os meus esforços sejam coroados de bons resultados.

O vosso amor á liberdade com ordem não deve ser desmentido: o vosso patriotismo, de que tantas provas tendes dado, não vos desamparará nesta epocha melindrosa.

A Academia, que tão celebre se tem tornado nas luctas da liberdade, continuará a mostrar-se livre e intelligente, comprehendendo as situações complicadas, não lhe pondo obstaculos, mas conservando o socego, tão necessario em todas as circumstancias criticas.

Academicos e Habitantes do Districto, confiai em mim, que eu confio em vós. — Coimbra 1 de Maio de 1851. — O Governador Civil — *Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes.*

F I M.

Vende-se por 120 reis nas lojas de Lisboa — *Lavado*, rua Augusta N.º 8. — *Bertrand* e *Filhos*, aos Martyres N.º 45. — *Silva*, Praça de D. Pedro N.ºs 82—83.

Porto, na de *Moré*, Praça de D. Pedro.

Coimbra, nas de *Mesquita*, rua das Covas. — *Orcel*, rua das Fangas.